

CONFIANÇA

*** Roberto Rodrigues**

Embora a maioria dos estudiosos reconheça que os fundamentos da economia brasileira estejam razoavelmente equilibrados, vem crescendo o pessimismo em relação ao futuro.

Com efeito, a inflação do ano deverá ficar dentro da meta (bem próximo ao teto, é verdade, mas ainda assim dentro do previsto), as contas correntes estão administradas, o desemprego continua muito baixo, e assim por diante. O avanço das concessões das rodovias é uma realidade e a modernização dos portos vai começando. São todos bons sinais.

Mas algumas questões toldam os horizontes: já se especula sobre um crescimento muito pequeno do PIB este ano, um saldo comercial igualmente baixo, e as projeções para 2015 são ainda mais desfavoráveis, falando-se até mesmo em inflação maior e algum desemprego, além de PIB quase nulo.

O pessimismo generalizado do setor industrial todavia não caberia, na mesma proporção, no agronegócio.

Os preços das principais commodities não dão sinais evidentes de queda muito acentuada nos próximos meses, o Plano da Safra foi positivo, pecando apenas pelo “breque” no Seguro Rural, a agricultura familiar foi bem aquinhoadada, o governo começa a se mexer para equacionar a crise sem precedentes no setor sucroenergético, os 3 candidatos principais à Presidência da República se articulam com as instituições representantes do agro tendo em vista a formulação de seus planos de governo, enfim, o cenário não é tão tenebroso para o campo.

Mas também no agro não há euforia nenhuma, ainda que a China siga sendo grande compradora de grãos e que o mercado americano para carne esteja quase aberto, finalmente...

O que então, gera tanto pessimismo?

Falta confiança, explicam analistas mais afeitos ao agronegócio. Falta confiança no que virá. E sem confiança, o mercado antecipa a crise, e a traz para a realidade imediata.

E é verdade que algumas questões colocadas pelo governo atual ajudam esta falta de confiança. Continuamos sem uma estratégia clara para o agro, especialmente para a questão da agroenergia, na qual nem sequer temos definições de nossa matriz energética e o papel do agro nela. Continuamos demorando uma eternidade para registrar novas moléculas de agroquímicos, continuamos com um modelo de crescimento baseado no consumo e não em investimentos produtivos, continuamos com uma poupança nacional baixa e temos o recorrente problema dos preços administrados (gasolina e energia) que “mascaram” a inflação.

Os tais Conselhos Populares assombram as instituições formais de representação urbanas e rurais, o tema de terra para estrangeiros não se define, falta regulamentar o importante CAR, o cooperativismo é visto com certo desdém pelo governo, e tudo isso tira a paz dos produtores no país todo. E as coisas se complicam com a questão das eleições e da sucessão na Presidência da

República. As manifestações populares, às vezes ofensivas e abusivas em relação aos candidatos, são tratadas por estes de acordo com a direção dos ventos. Há mesmo quem diga que estas manifestações são “luta de classes”, quanto na verdade podem representar apenas um certo cansaço pela repetição dos mesmos refrãos: quem é governo diz que está tudo uma maravilha, quem é oposição afirma que tudo é uma porcaria, e isso se repete de um jeito que faz parecer que cada qual vive em um país completamente diferente do do outro.

É preciso resgatar a confiança. Sem isso, os horizontes podem mesmo piorar. Quem não confia não investe; quem não investe não gera empregos e riquezas; sem isso vem mesmo a inflação, até mesmo a recessão.

Quem quer isto?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**